

AMOR E JUSTIÇA

*** Roberto Rodrigues**

Desde muito jovem me pergunto qual a melhor receita para a felicidade: o amor ou a justiça. E, ao longo do tempo, ora pendo para uma, ora para outra.

Que maravilha é o amor! Que estranhos desígnios empurram duas pessoas para esta deliciosa chama embriagadora em que tudo dá certo: as preferências coincidem, os gostos se complementam, há uma harmonia física e espiritual que produz bem estar, paz e tranqüilidade. Que prazer compartilhar tudo, alegrias e tristezas, construir uma família, que alegria experimentam duas pessoas que se amam de verdade, desinteressadas do resto, focadas na própria felicidade ao longo dos caminhos freqüentemente espinhosos da vida.

Sempre acreditei que, havendo respeito e admiração recíprocos, o amor jamais acabaria. Claro que o tempo e as vicissitudes criam atritos, nem sempre é só um mar de rosas, mas com estes dois valores e mais a compreensão, a paciência e o bom senso – e muitas vezes a renúncia – o amor triunfa e segue abençoado, espargindo o bem. A história do mundo está repleta de exemplos de como ele impulsionou conquistas e mudanças positivas para toda a humanidade.

Mas, na verdade pode acabar... De novo, porque se separam duas pessoas que se amaram tanto? Onde alguém errou? Porque o vazio acabrunhante, a sensação de solidão, a dor, o sabor da morte? Seria Vinicius o senhor da razão? Poderá o amor ser a melhor receita para a felicidade apenas enquanto durar? Isto é justo?

Há quem afirme que quando se ama demais a uma determinada pessoa, nela se perdoam os erros que em outras são imperdoáveis. O que é injusto? Por outro lado, a história também está repleta de trocas de rumo, em função do ódio, um antônimo indesejável.

E a justiça? É ela então a melhor receita, visto ser una e permanente, imutável e certa? Sem dúvida, a justiça é a maior celebração do amor. Sendo cega, propõe até mesmo o mandamento cristão de amar ao próximo como a si mesmo. Que beleza, a justiça! Com ela, tudo é reto, a ordem se faz.

No entanto, ela é executada por homens, à luz das leis feitas por homens. E todos têm suas imperfeições, paixões, suas idiossincrasias, suas tendências ideológicas, suas vocações, suas vontades, seus sentimentos pessoais, que interferem com a aplicação da justiça.

E assim, eventualmente, ela não é feita na plenitude, e se perde nos desvãos dos desamores, causando infelicidade, porque não há pena maior do que ser injustiçado. Ademais, praticar a justiça implica isenção e cultura, vivência e retidão permanente, elementos fundamentais para aqueles que a executam, nem sempre presentes com inteireza.

Então, afinal qual é a melhor receita? Se ambas falham porque o homem falha, como fazer do amor e da justiça o alicerce da felicidade?

Ora, não se pode descrever de valores só porque inevitavelmente eles se contaminaram com as sensações das pessoas. Valores são eternos; sensações são passageiras.

É preciso confiar nesses dois alicerces, e mais que isto: o amor e a justiça devem ser os trilhos sobre os quais correrá o trem da vida de cada um. Nesta viagem extraordinária, sobre estes trilhos está a felicidade. Não no destino e sim na viagem em si, sabendo que em muitas estações haverá frio, lágrimas e sofrimento. Mas este é também o contraponto indispensável para valorizar ainda mais as estações do bem estar.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**